

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO V—Número 1.459

Terça-feira, 28 de Agosto de 1923

PREÇO—20 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calle da Combro, 38-A, 2.º Lisboa—PORTUGAL

TELEFONE—5339-C

Officinas de impressão—Rua da Atalaia, 111 e 113

Os quadros tipográficos dos jornais que se encontram em greve, retificando a sua primeira deliberação, resolveram com entusiasmo que «A Batalha» voltasse a publicar-se a fim de bem orientar e dar força ao movimento grevista, desfazer as atoardas burguesas e levar à província um noticiário são acerca do que se passa em Lisboa no que respeita ao problema do pão.

O PROTESTO DO POVO INTENSIFICA-SE!

Não obstante a propaganda defectista dos jornais, órgãos da Moagem, as classes trabalhadoras teem-se afirmado dispostas a não consentir que vá por diante o exagerado aumento do custo do pão.

Ontem, mais classes aderiram à greve, verificando-se a paralização do tráfego marítimo, alguns transportes de terra, construção civil, metalúrgicos, mobiliários, manufactores de calçado, gráficos, pessoal do Matadouro, corticeiros, têxteis, tanoeiros e outras.

De algumas classes, como pessoal dos eléctricos, pessoal de várias fábricas e ferroviários uma parte abandonou os serviços; outras ainda, como o pessoal dos correios e telégrafos e funcionalismo público, dão a sua adesão moral ao movimento.

Dos arredores de Lisboa, no Barreiro, Amadora, Seixal e Almada, a paralização é absoluta, esperando-se que, em breve, outras localidades se pronunciem.

Serão estes os desordeiros a que alude a imprensa mercenária, servidora do governo e da Moagem?

Pois bem. O povo de Lisboa e arredores, está em desordem contra a ordem de roubar que o governo concedeu à Moagem!

Do governo, o ministro da Agricultura foge cobardemente e o presidente do ministerio nega-se a atender uma representante do povo consumidor.

Caíu a máscara! O chamado governo do povo, traiu o povo!

Resta que o povo continue lutando para defender o pão dos seus filhos!

Queremos, e podem-nos ceder, pão de trigo bom, para todo o país, a 1\$20!

É esta a vontade do povo, sem prejuízo para o Estado!

O PROTESTO DOS CONSUMIDORES

O GOVERNO E A MOAGEM CONTRA A POPULAÇÃO

A atitude do ministro da Agricultura e a especulação dos jornais do potentado moageiro

Tem-se afirmado, quer da parte do governo quer nas colunas vadias dalguns arremedos de jornais, pálidos e grotescos reflexos dos jornais felts em circunstâncias normais, que a greve foi declarada pela C. G. T. e pela U. S. O. E' falso. Quem declarou a greve foram os consumidores que em massa acorreram à reunião convocada pela U. S. O. Não se suponha que temos receios de responsabilidades. Essa suposição só pode partir de criaturas que totalmente desconhecem a altivez com que sempre dentro da organização operária, mesmo nos períodos mais graves da vida social se tem enfrentando todas as situações, sem as recear por maior que seja o perigo. Mas, não existe também a bravata de nos querermos arrojar o que não fizemos. Porisso, repetimos, o que afirmamos, que a greve não foi por nós declarada, mas pelos consumidores.

Esta greve não teve antecipadamente a menor preparação.

A paralização obedeceu espontaneamente ao sentimento dos trabalhadores, foi directamente proclamada pela indignação que o decreto do ministro da Agricultura suscitou.

Podem, dizer, os que defendem, hipocritamente, a Moagem, e o governo que nitidamente a favoreceram, que foram os agitadores profissionais que determinaram a greve na cidade que se alastrou até aos arredores que atingiu Cascais, que estalou no Barreiro, Seixal, Almada e Amadora.

O movimento é popular. A população que trabalha está contra a moagem que a explora e contra o ministro da Agricultura que, numa decisão rápida, autorizou o aumento do pão.

Ninguém que vive exclusivamente do seu trabalho está ao lado Moagem e do governo. Onde estão as simpatias, a corrente de opinião, favorecendo o chefe dum governo feito de farrapos, do oco das intrigas, do lixo da vasa política, das combinações torpes dum partidário político que depois de estar em falência arroja para um abis-

mo de ódio e ignomínia, um regimen viciado e gangrenado ao fim de 12 precários anos de dissoluta existência?

O ministro da Agricultura depois de ter lançado a população no desespero, afastou-se da capital.

Antes de abandonar o Terreiro do Paço declarou insolentemente que não recebia a comissão que o procurava para estabelecer as bases dum acordo que permitia a cessação da greve, salvaguardasse os interesses dos consumidores.

O presidente do ministerio diz que não receberá a comissão sem que os operários retomem o trabalho.

Argumento miserável este.

A macaqueação da atitude de certos industriais — eis no que ele consiste. Dir-se-ia que o governo era o patrão de todos os grevistas e que a greve se dera por reclamações de aumento de salário.

Se o governo se recusa a resolver a magna questão do pão, por existir o movimento de protesto, prejudica a população. Ele, ao afirmar que não resolve a questão sem finalizar a greve é porque reconhece que a população que trabalha está numa maioria esmagadora em greve.

Esquece-se também quando declara que está disposto a tratar com a Comissão depois do movimento, reconhece que ela representa a vontade e o pensamento da população. Se somos agitadores profissionais porque é que o governo está disposto a tratar quando o movimento acabar? Sendo assim não se compreende a atitude do chefe do governo. Ou antes, compreende-se... O governo pretende que se retome o trabalho sob essa falsa promessa, para depois zombar dos interesses da população.

A população reclama o que a organização operária também reclama e o simples bom senso aconselha: o tipo único de pão.

Se o governo não atende a população é porque não quer. E foi o governo quem o prejudicou, quem provocou o movimento de protesto.

Toda a atitude do governo se resume num *truc* para liquidar o movimento e impôr à população os três tipos.

O *Século* e o arremedo do *Diário de Notícias* dizem o contrário.

Mas que importa? Não são estes defensores da Moagem?

Não foi a Moagem quem os comprou? E' o dinheiro da Moagem o que existe nos seus cofres. São estes quem ataca o movimento e defende o governo. Vanglorie-se disto o governo: tem contra si a população expoliada mas tem ao seu lado a Moagem, que se defende e o defende nos seus jornais: *Século* e *Diário de Notícias*.

Secretariado Nacional da Assistência Jurídica e Solidariedade

Este Secretariado tem continuado a tratar dos presos do latente movimento grevista e dos que se encontram em S. Julião da Barra.

Anteontem uma comissão deste Secretariado avistou-se com o chefe do distrito sobre a infame situação em que se encontram os presos do calabouço n.º 5 do governo civil onde se juntam 32 presos, sem um vislumbre de humanidade para com a vida dos indivíduos, dando ocasião a manifestar-se dois casos de insolação, o que causou um certo pasmo ao referido chefe do distrito que ignorava tal estado de coisas.

Esperamos que de futuro esta questão dos presos seja tratada por parte das autoridades com a atenção que o caso requiere.

Prisões arbitrárias

Pela P. S. E. foram presos: César de Castro, serralleiro, morador na rua do Sol à Graça, e a quem a policia acusa de bombista, e Mário da Silva, enviado da União dos Sindicatos Operários do Porto, que veio a Lisboa com uma credencial para a C. G. T. dos operários daquela cidade.

A BATALHA

As razões do seu reaparecimento

A Batalha reaparece hoje. Esteve suspensa em virtude da greve geral. Não significa a sua reaparição que a greve geral finalisasse, pois exatamente ela reaparece no momento em que o movimento se intensifica, em que o número elevadíssimo dos grevistas é acrescido por novos e espontâneos reforços. E' que a suspensão da Batalha foi determinada pela resolução da classe gráfica que entendia não fazer sentido a saída do jornal numa ocasião, como esta, em que todos os gráficos estavam em greve.

Porém, alguns jornais conseguiram sair: uns feitos por *amarelos*, outros mistificando o público, pois só de jornais tinham aparência — e uma grosseira aparência.

Esses jornais, dos quais os de maior circulação são propriedade da Moagem, surgiram numa atitude de hostilidade combatendo o movimento e tecendo em seu torno várias versões destinadas a prejudicá-lo, enfraquecendo-o. Nesses jornais dirigiram-se acusações infundadas ao movimento e à organização operária.

Não fazia sentido que A Batalha não voltasse a ocupar o seu lugar vindo desfazer todas as mentirosas invenções arquitetadas nesses jornais. Assim o entendeu a classe gráfica. Outra coisa dela não era a esperar, pois A Batalha é neste momento de luta necessária para desempenhar o vasto e importante papel que lhe cabe.

A humanidade dos grevistas

Quinze operários do matadouro abateram ontem, na dispensa do Hospital de S. José, 4 bois e 5 carneiros, para consumo dos hospitais civis, serviço que se prontificaram a fazer, gratuitamente, para que os doentes não ficassem privados dum alimento que tanta influência exerce, em muitos casos, na eficácia do seu tratamento.

Que ponham neste belo gesto os olhos, os meliantes que, na imprensa, a soldo dos vários polvos do capitalismo, não cansam na odiosa faina de caluniar os que, nobremente, se lançaram num movimento de revolta contra os ladrões encasacados da moagem.

O movimento de protesto

Sobe a mais de duzentos mil o número de operários que se encontra em greve!

Só andaram na rua 60 carros, guiados por militares, revisores e expedidores. Um ministro sempre ausente -- A policia e a guarda republicana também comem pão! -- O movimento intensifica-se

O movimento grevista de protesto contra o aumento do preço do pão intensificou-se ontem duma maneira extraordinária.

Aquelas más-linguas interessadas no aumento do pão não podem dizer que a greve não é geral. Quem tivesse observado o aspecto da cidade, tam modificado, tam diverso do seu habitual aspecto não teria dúvidas — diria connosco que a classe operária, numa afirmação de consciência que a dignifica, intensificou o seu movimento justo, fazendo calar os detractores, enchendo de espanto os reacionários.

Percorremos as ruas de Lisboa, que ofereciam um aspecto desolador pela sua pouca concorrência e fômos colhendo algumas impressões valiosas.

Algumas conversas que escutámos elucidaram-nos bem acerca da opinião pública no que respeita ao movimento grevista.

Dois policiaes que falavam junto de nós, em certo ponto da cidade, mal suspeitando de quem junto deles se encontrava, comentavam asperamente a atitude do ministro da Agricultura.

E' que eles também tinham filhos, também compravam pão e compreendiam que o operariado lançando-se com

energia num movimento grevista, serviam afinal os próprios interesses da policia.

O proletariado está lutando pelo bem-estar da população inteira. Porisso aqueles que não podem acompanhá-lo na sua acção, na sua luta, acompanham-no em espírito, dão-lhe todo o seu apoio moral.

O governo collocando-se na situação irritante que impensadamente se criou, está implicitamente ao lado das Moagens, favorecendo os ladrões e atacando os roubados.

Enquanto dá às Moagens liberdade para roubar, manda a policia e a guarda republicana acutillar o povo que protesta contra o roubo.

Chega a ser ridícula, mesquinha e nojentia a atitude de certos civis e soldados da guarda que cumprem essas ordens iníquas. A guarda é a policia perseguindo e acutillando o povo perseguem-se e acutillam-se também; cada guarda que vibram nos operários representa mais alguns escudos que terão de pagar no preço do pão.

Se da parte dessas corporações — a guarda republicana e a policia — houvesse melhor compreensão de direitos e de situações elas seriam as primeiras a não perseguir o povo, colaborando assim num movimento que visa o barateamento do custo da vida para toda a gente.

Nota officiosa do Comité da greve

POVO DE LISBOA

E' com desvanecimento que este Comité constata a forma altiva como lutais há cinco dias para evitar que a Moagem, protegida pelos governantes, nos reduza à mais negra das situações!

Os vampiros da finança, do comércio, da industria e da agricultura acham-se coligados para em nome dos interesses do país — que são os interesses deles — esmagarem o povo!

Não pode ser! A manifestação que se vem produzindo é claramente a demonstração de que falha a crença nas promessas dos messias trampolinos e que só do seu esforço próprio o povo tem a esperar. E' a demonstração cabal de que a organização operária

é a única força moral que se alevanta neste pútrido lodagal em que o país mergulhou.

Este comité constata neste agudo momento o facciosismo com que a imprensa burguesa encara as questões operárias, atribuindo aos trabalhadores quando reclamam mais aumento de salário a culpa do caos económico em que o país se debate e aconselhando crocodilicamente a que todos contribua para a baixa do custo da vida e consequente melhoria cam-bial.

E é agora, quando a descrença nos aumentos de salário faz que reclamemos a baixa do custo do pão, como início para evitarmos um próximo aumento do custo de tudo o indispensável à vida, que a mesma imprensa vem atacar-nos acusando-nos de perturbadores, de inimigos do país.

Vê-se que o potentado moageiro é pródigo com o dinheiro arrancado ao povo, produto do envenenamento e carestia do pão!

Povo! é necessário que a luta encetada se mantenha! Dela depende a salvaguarda do pão para os nossos filhos e a imposição do respeito a toda essa caterva que aguarda a vitória da Moagem para lhe seguirem o exemplo!

Ante a rebeldia justa do povo, o governo nega-se a receber comissões e o ministro da Agricultura — um potentado dos azeites — diz-se negociar o assunto depois de uma cobarde volta ao trabalho! Contra a força da razão que nos assiste, o governo lança na rua a tropa e a policia que, apesar de tudo, também comem pão.

Amanhã, tudo faz prever, a greve intensificar-se há; e o movimento lançado pelo povo de Lisboa e coordenado pela U. S. O. pode estender-se além dos arredores da capital a todo o restante país.

Quere isto o governo? Pois bem. O povo de Lisboa e arredores continuará lutando, afirmando este Comité que nem todos

